ANO 1.º LISBOA — TERÇA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 155

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

VAI realizar-se o Congresso Internacional de Imprensa em Bruxelas. O jornalista sr. José Sarmento chamou, neste jornal, a atenção dos seus colegas de imprensa portuguesa para a necessidade de levar uma representação do nosso paiz á Belgica. O «Diario de Lisboa» aplaude conscienciosamente esta idéa. Fá-lo com o maior espirito de classe e de compenetração dos deveres dos jornais e dos jornalistas desta terra.

E' de facto preciso que os jornalistas, seja qual fôr a sua situação e categoria, se ponham no seu lugar, fazendo valer o seu nome, na disposição de se não deixarem apagar, como um zero social, na vida extenuante das grandes e pequenas gazetas. Portugal é hoje o unico paiz da Europa — e agora mais do que nunca — onde o redactor de um jornal perde em absoluto a sua personalidade, não chegando a ser conhecido muita vez do proprio director. O jornalista português, que atira todos os dias nomes de toda a gente para o publico, está impedido de fazer valer o seu. Isto não sucede por circunstancias de eventualidade; sucede por sistema. Colectivamente — e êste é o grande ponto interessante da questão — a classe jornalistica, que em toda a parte é uma fôrça e tem um prestigio, está reduzida a uma passividade humilhante e afrontosa. Os jornalistas têm de se pôr de pé; os jornais têm de auxiliar êste ressurgimento, valorizando, até pelo seu interesse, os seus mais efectivos elementos de trabalho.

Custa a crêr, mas é positivo, que haja directores de jornais empenhados em que os seus jornalistas não sejam conhecidos e tomados como um justo valor social e intelectual. Porquê? Com que intuitos? E com que vantagem até para as empresas?

Foram os jornais e foram os jornalistas que fizeram valer e vencer a doutrina do descanso semanal. Pois bem! Os jornalistas são os unicos trabalhadores que não usufruem nitidamente essa regalia. São as empresas que o impedem, por razões cuja vantagem desconhecemos, e os jornalistas submetem-se. Não se compreende!

Conscios dos nossos deveres e dos nossos direitos, não prégamos a rebelião. Prégamos o entendimento, claro e desassombrado, sem propositos ocultos, entre as empresas e os jornalistas de verdade, que são os que fazem os jornais. Pensamos que é vergonhoso o estado de abatimento da classe jornalistica, cujos melhores espiritos e energias mal reagem. E julgamos que, á roda da indispensavel representação portuguesa no Congresso de Bruxelas, se pode iniciar um periodo de levantamento, que acabe de vez com truculencias que só têm sido funestas, e coloquem os jornalistas no seu verdadeiro e legitimo posto de valorização social.

* * *

RESTOS da revolução gorada:

O «Diario do Governo» de hoje publica uma portaria que manda louvar a Guarda Nacional Republicana, a policia de segurança do Estado e a policia de segurança publica, «pela firmeza com que cumpriram as ordens do governo para a sufocação do movimento revolucionario, no que deram altas provas de disciplina, serenidade, energia e amor á Republica».

HA 11 ANOS...

Faz agora 11 anos que se proclamou a Republica. Fe-la o erro do deposto regime, dando largas ao pessimismo; fê-la o brado romantico dos tribunos, a fé idealista que anda imorredoira na alma do povo, desde que este bom povo portuguez começou a existir como nacionalidade. Faz agora onze anos, e a gente lembra-se desse espetaculo da turba, silenciosa e formidavél, subindo a Avenida em direcção á Rotunda, á procura dos vencedores, para os aclamar. Andava nesses dias o ideal no ar e por toda a parte, á superficie das coisas. As almas pulsavam; os proprios vencidos tinham fé: «Oxalá que a Republica faça grande a patria!».

E a Republica não poude fazer grande a Patria ao cabo de onze anos, e a Republica mantem o paiz na mesma triste decadencia dos ultimos tempos da monarquia! A Republica, realização de uma fé, não passou dessa realização, muito distante da outra e verdadeira realização que seria o ressurgimento do paiz pela modificação absoluta dos costumes. Longe de nos o desanimo! Onze anos é largo tempo para a vida dos homens, mas minusculo periodo para a vida dos povos. Nem desconhecemos as dificuldades inevitaveis de natureza internacional que agitaram estes ultimos anos do actual regime, nem somos alheios á historia das perturbações intestinas, nem todas devidas aos homens que ajudaram a fazer o regime, e muito menos ao Povo, ao Povo idealista e sacrificado que subia a Avenida formidavél e silencioso, em busca dos herois. Mas estas atenuantes são muito pequenas para desculpar os erros, os abusos e até as estranhas leviandades com que se tem neutralisado o esforço de 1910, roubando a fé á multidão e destruindo, para sempre talvez algumas almas, a esperança da redenção.

Mas nós confiamos! O que a Republica em demonstrações varias e que seria injustiça ocultar ou diminuir tem tentado de grande e proficuo para a aPtria, há-de acabar por vencer. Respeito para todas as crenças e liberdade para todas as actividades! A Republica proclamada nas almas, e tornada regime nacional, faz onze anos, realizar-se-ha em toda a extensão magnifica do seu credo politico e social: a salvação da Patria!

São os nossos votos mais ardentes de portugueses. São as nossas aspirações mais convictas de jornalistas.

X.

PRESUNÇÃO...

(De «Austen»)

— Não sabes que a correspondencia deve entregar-se sempre numa bandeja?
— Sei, sim, minha senhora. Mas pensava que a senhora não sabia...

RICHARD Wallace apresentou-se um dia em casa de Alexandre Dumas e depois de se encontrar na sala de visitas preguntou ao criado:

—O teu patrão está?

—Está no gabinete de trabalho. Pode ir lá ter com ele.

Ouviu-se uma gargalhada no gabinete. Wallace sentou-se e resolveu:

—Não. Prefiro esperar que Dumas fique só.

—Mas não está ninguem com ele. O patrão quando trabalha ri-se muitas vezes sósinho.

Esta historia teve um contraste. Um dia, o romancista estava tristissimo. E como um amigo indagasse do mal que o afligia, confessou:

—Matei agora mesmo o Porthos. Não calculas a amisade que eu tinha a esse diabo!

Porthos vai, por sinal, resuscitar no «écran».

Martinelli já se encarregou de incarnar para o cinema a figura do destemido mesqueteiro.

* * *

A NOSSA crise, além do seu aspecto moral, carrega-se agora de dois problemas urgentissimos — o financeiro e o economico.

Claro é, mesmo que a revolução troveje em mar e terra, a sua solução não sairá do tumulto nem da violencia. E' necessario que haja socego, disposição para os indispensaveis sacrificios e a competencia tecnica e politica que a lanterna de Diogenes anda buscando.

Se todos os portugueses que se empenham em provocar a guerra civil, para depois salvarem a Patria, soubessem bem o perigo que tal cometimento representa, deixariam caír os braços e recolheriam a seus penates.

* * *

O LEITE encareceu mais um tostão em litro, sendo de presumir que não se fique por aqui.

E' geralmente no outono que as leitarias tomam resoluções destas, para significarem que vendem um liquido... para enfermos.

Se as vaquinhas soubessem o que é a moral dos seus donos, talvez se arrependessem de ser pacificas.

E com os seus honestos chifres começariam a revolução social no dorso dos exploradores que fingem que as alimentam.

* * *

A MANHÃ» deve publicar ámanhã um documento devéras interessante e que deve produzir sensação: trata-se da *verdadeira* proclamação da Republica, que deveria ter sido lida em 5 de Outubro de 1910 e que, nesse momento historico, foi esquecida, improvisando-se uma outra. Agora, o melhor do historico documento: é da pena de Junqueiro e de *Bruno* e foi escrito em julho de 1910, porque convem, talvez, recordar que a Republica esteve para ser proclamada naquela data, não o tendo sido pelas razões que o dr. João de Deus Ramos, que foi o portador, do Porto para Lisboa, desse admiravel trecho de prosa revolucionaria e patriotica, naturalmente explicará no artigo que escreveu para o proximo numero de «A Manhã».

MAGAZINE

Scipião e Anibal

Ludendorff, o general germanico da guerra, na entrevista que concedeu a um jornalista francez mostrou-se a principio frio e calado; mas quando veiu a falar-se de Foch, entusiasmou-se e o resto da entrevista passou-o mostrando quanta admiração lhe merecia o general francez.

Ludendorff é o homem a quem os francezes, especialmente os generais, mais admiram.

Ele é o homem de quem dizem: «Não assinou o armisticio». Para Foch, é o seu competidor.

Diante da admiração reciproca destes dois inimigos, lembramos o passado entre dois inimigos igualmente grandes da antiguidade: Disse que quando Anibal e Scipião se encontraram para comentarem fraes, antes da batalha de Zamo, durante algum tempo, frente a frente, ficaram de olhos fitos um no outro, admirando-se reciprocamente.

Homem de juizo

Num livro mais velho que todos nós; um livro que pode ter sido da nossa trisavó ou mais além, pois é um livro que foi escrito há mais de seculo e meio, e ainda saiu com licença da comissão de censura, um livro escrito para meninos de qualidade, como nele se diz, encontramos a seguinte passagem, em resposta a uma pregunta:

«E' porque Astre era já uma pessoa de juizo; e tanto que uma mulher tem juizo, não se lhe dá de casar com um homem bem, ou mal parecido.

—E porque é isso?

—E' porque quasi sempre um homem bem feito é um nescio, todo namorado da sua figura, todo satisfeito do seu merecimento, todo entregue ao cuidado do seu enfeite, como uma mulher; e bem nedio que não há coisa tão indigna, como um homem semelhante».

Tempos! Comentarão alguns, em que as mulheres se pareciam todas com este homem, todo namorado da sua figura e nada mais!...

E quantos não irão observar-se ao espelho para verem se podem admirar-se bastante no seu fisico, neste seculo em que há meninos de espartilho.

Já não é humilhação qualquer ser nescio... E se não viram uma imagem qual Narciso—suprema consolação!—sentirão brotar na alma o fogo do genio... de pechisbeque.

Pior do que o soneto

Parece que os impedios, não só entre nós mas em toda a parte, são celebres pelos actos, ideias e palavras de alto entendimento de que semeiam a vida.

Aqui está uma historia que trata paramente dessa notoria qualidade:

Um oficial inglez foi convidado para um jantar de cerimonia em casa dumas senhoras. Por desgraça coube-lhe nesse dia um serviço extraordinario e ele viu-se obrigado a mandar lá o impedido, pedindo desculpa de não comparecer como prometera.

O criado chegou a casa das senhoras e disse-lhes que o patrão estava de serviço e por isso esperava lá o jantar.

E' claro que as senhoras, ainda que compreendessem como é que o impedido estropeara o recado, mandaram o jantar pedido tão delicadamente.

Arreliado, o oficial, quando percebeu como se haviam passado as coisas, para cumprir o dever de *gentleman* deu dois *thallers* ao impedido a fim de que comprasse um lindo ramo e da sua parte o fosse oferecer ás senhoras.

O criado comprou o ramo, foi levá-lo e, como lhe dessem um *thaller* de gratificação, exclamou:

—Isso... era muito bom! Dois, dois é que isto custou!

As senhoras acrescentaram outro *thaller* ao primitivo.

Chegado ao pé do oficial deu-lhe os dois *thallers*. Imagina-se facilmente que este não lhe mandou fazer mais nada em desagravo de tanto disparate.

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

LEITURA PARA SENHORAS

A MODA EM PARIS

Variedade de feitios, compativeis com o final do verão

Continuam aparecendo diversos modelos de vestidos elegantes e com uma variedade de feitios que dá para todos os gostos, tanto mais que a mudança de estação admite quasi todos os tecidos,

1

que se podem misturar, tornando os vestidos pesados, mais leves, e por isso compativeis com um resto de verão e os vestidos leves mais pesados, adaptando-se a um principio de inverno.

O nosso primeiro modelo (1) reproduz um vestido esguio simples, e apenas guarnecido de botões, com argolas de *soutache* de seda. Este vestido de setim escuro, pode tambem fazer-se em veludo ou pano fino e abre sobre um fundo

2

de tecido leve de outra côr, com mangas de *mousseline* de seda. Agora, que tanto se usa o branco e preto, ficaria muito bonito este modelo executado em setim preto e *crépe da China* ou *mousseline* branco.

Segue-se um vestido de sarja (2) de qualquer côr, guarnecido dum folho em fórma, em *taffetas*, pregado sob um galão bordado a cores ou a prata velha, ou oiro velho, galão que remata tambem o decote. Na manga curta outro folho em fórma, em *taffetas* igualmente. Este vestido, dum feitio original, deve ser usado principalmente por senhoras muito novas e delgadas. A uma senhora forte, evidentemente ficaria mal. E' preferivel que o *taffetas* seja da mesma côr da sarja ou apenas com uma ligeira diferença de tom, mas que se harmonise absolutamente. Basta a diversidade do tecido para estabelecer o destaque.

O terceiro modelo dos nossos desenhos (3) é o dum vestido em *crépe de Chine*

3

preto e *crépe de Chine* branco—sempre a nota lutuosa—acompanhado duma pequena capa em bicos, em *crepe de Chine* preto, forrada de *crépe de Chine* branco. Este vestido singelo e distinto é ligeiramente bordado na frente do corpo e nas bandas da capa com fio prateado e completa-o um chapeu *cloche* branco, guarnecido de *paradis* pretos.

Deixámos para o fim, como sempre, o modelo de chapeu (4) genero tricornio, que pode ser em veludo ou feltro preto, ou muito escuro para quem não goste

4

do semiduto que a moda adoptou. E' um chapeu simples, enfeitado apenas com duas azas pregada á *plat* do lado esquerdo, e fica bem com vestidos *taïlleur*.

GINETTE

(Desenhos de Chevianne)

COLEGIO CALIPOLENSE

Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

FERNANDES AGUDO.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Maria Ana de Lamartre Ferrão, D. Sofia da Rocha Machado, D. Justa Leite Pereira da Silva de Meneses Sousa Lobo. D. Maria Ana Vaz de Almada, D. Marta Aires de Magalhães, D. Alice Jardim dos Anjos e D. Maria Luisa Meireles de Canto e Castro

E os srs.:

Condes das Galveias e da Ponte, visconde de Marcos, D. Miguel de São Paio Melo e Castro, conselheiro José de Azevedo Castelo Branco, Francisco de Melo e Castro de Vilhena, José Eduardo de Brito Carvalho da Silva e Alfredo Correia de Barros.

Almoço

Os srs. condes de Calhariz ofereceram na sua linda vivenda em Cascais um almoço intimo, que decorreu muito animado, a algumas pessoas das suas relações.

Boatos...

Segundo nos consta, realizam-se brevemente os casamentos de dois titulares que ha anos se encontram divorciados.

Casamentos

Em Queluz realiza-se no domingo o casamento da sr.ª D. Eugenia Maria do Vale Côrte Real, interessante filha da sr.ª D. Ana do Vale Côrte Real e do sr. general Côrte Real, com o sr. Antonio de Castro de Bourbon Côrte Real.

Jantar á americana

Encerra-se definitivamente ámanhã á noite, no escritorio das termas do Estoril, a inscrição para o elegante *jantar á americana* que, no «hall» daquele estabelecimento balnear se realiza no proximo dia 8.

Na lista das pessoas inscritas figuram nomes das principais no nosso meio elegante e os termistas estrangeiros que vêm tomar parte nos campeonatos de Cascais.

Como já dissemos, o jantar é de 200 talheres e será servido pela Garrett, fazendo-se ouvir o sexteto desta elegante casa.

Em viagem

Regressaram a Cascais as sr.as condessa de Arnoso e D. Beatriz dos Anjos Ribeiro Ferreira.

—Com sua esposa, regressou de Cascais o sr. Luis da Silveira Viana.

—Partem brevemente para Paris os srs. conde de Anadia e Miguel de Sá Pais do Amaral (Anadia).

—Com sua esposa, encontra-se na Ericeira o sr. dr. João Ulrich.

—Acompanhado de sua esposa e gentis filhinhos, encontra-se ha dias em Cascais o sr. dr. Frederico Ramos de Castelo Branco.

Banco Nacional Ultramarino

Banco Emissor das Colonias

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa — Rua do Comercio

Agencia em Lisboa — Cais do Sodré

Capital social Esc.....	48:000.000$00
Capital realizado Esc....	24:000.000$00
Reservas Esc.....	26:000.000$00

Filiais no continente—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz. Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa do Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

Filiais nas ilhas—Funchal, Ponta Delgada e Angra do Heroismo.

Filiais no estrangeiro—Paris, rue do Helder, 8; Londres, 27-B-Tirogmorton Street; New York, 23, Liberty Street.

Filiais nas colonias—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda, Kinchassa (Congo belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte, (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Goa, Bombaim (India iglesa) Macau e Dilly.

Filiais no Brasil—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as Filiais deste Banco no Brasil para os saque sobre qualquer localidade de Portugal, correspondentes nas principais localidades do continente e ilhas adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos; compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os países do mundo.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

UM LIVRO DA GRANDE GUERRA

PORTUGAL NA QUADRELA FLAMENGA

de MARIO DE CAMPOS

Do livro do tenente-coronel do corpo do estado-maior e distinto escritor sr. Mario de Campos, intitulado «Portugal na Quadrela Flamenga», transcrevemos o seguinte trecho:

Consagrando o resultado das campanhas de Luís XIV, o tratado de Aix-la-Chapelle de 1668 encorporava no territorio francês, com um fragmento do Hainaut, a parte da Flandres conhecida geralmente pela denominação de Flandres francesa, e que hoje constitue, com pequena diferença, o departamento do Norte, tendo por capital a brilhante e gloriosa Lille.

Foi neste torrão, privilegiado pela natureza e pela história, que as tropas portuguesas, que se integraram na formidavel Frente oposta pelos Aliados á brutal invasão teutónica, colaboraram, pelo seu heroismo, neste drama sem precedentes que a historiografia já crismou com a designação, hoje clássica, de «Grande Guerra».

Singular destino tem tido na história europeia esta leira da grande Terra Intermédia, que, estendendo-se entre as duas nações mais guerreiras do continente, tinha de ser, pela fatalidade da sua posição, o recanto do mundo mais impregnado de sangue humano.

Um distinto escritor, o sr. Dumazet, que palmilhou minudentemente a Flandres francesa, querendo dar-nos uma idéa das recordações militares que lhe andam ligadas, faz-nos subir á pequena eminencia de Mons-en-Pévèle (a Mons-en-Puelle das velhas crónicas regionais) para dali, como de um observatorio incomparavel, avistarmos o mais sugestivo panorama que pode imaginar-se pela riqueza das evocações que desperta — panorama só comparavel ao que se desdobra em tôrno do monte Kemmel ou pela ampla veiga da Lombardia, onde até as mais pequenas aldeias têm, nos seus anais de sangue, a lembrança das devastações e das conquistas.

Mas que vem a ser essa colina de Mons-en-Pévèle?

Foi ali, com efeito, que as bravas milicias comunais da velha Flandres sofreram uma grave derrota, inflingida pelas tropas de Filipe o *Belo*, de França, em 1304. O rei desforrava-se, por êste modo, da terrivel lição que a cavalaria francesa, dois anos antes, sofrera perto de Courtrai, onde as falanges dos mesteirais flamengos tinham aniquilado o escol da aristocracia francesa na famosa Jornada das Esporas.

Pois é precisamente daquele ponto, tam justamente celebre, que o espectador pode descobrir ao longe, e em tôrno, o monte Cassel, onde três grandes batalhas se feriram, com sorte vária, entre flamengos e principes franceses — Filipe I, Filipe de Valois e Filipe de Orleans, o irmão de Luís XIV; Bouvines, onde Filipe Augusto esmagou, em 1214, a coligação anglo-germano-flamenga, acorrentando á sua suserania o Conde Fernando de Flandres, o Ferrand dos cronistas flamengos, que ali honrou pela sua coragem o nome português; Lens, em que o grande Conde alcançou a famosa e decisiva vitória que encerrou a guerra dos Trinta Anos; Denain, onde Villars, em 1712, quasi pôs termo á guerra da Sucessão de Espanha, batendo estrondosamente os Imperiais e os holandeses, e salvando a França da invasão; Fontenoy (1745), de cavalheiresca memória, onde o marechal de Saxe, depois de convidar os ingleses a romper o fogo — Après vous, Messieurs les Anglais — aniquilou a coligação anglo-austro-holandesa.

E depois, esbatendo-se a diversas distancias, Tourcoing, onde os exercitos da Revolução se cobriram de glória; Courtrai, que presenciou a vergonhosa Jornada das Esporas (1302); o planalto de Bapaume, para além de Douai, que nos recorda a vitória de Faidherbe sôbre os alemães em 1871; a floresta de Saint-Amand, que viu cair o heróico Dampierre, e onde se consumou a traição de Dumouriez; e, daqui até ao Escalda, os povoados enumeraveis que os exercitos revolucionarios bafizaram na sua marcha; e, finalmente, as colinas do Hainaut, em cujo recinto se encerram Wattignies e Malplaquet, que nos evocam uma vitória de Jourdan (1793) e uma derrota do marechal de Villars (1709).

A Grande Guerra veio inscrever novas recordações no circuito sangrento que se avista do mirante natural de Mons-en-Pévèle: Lens e La Bassée, testemunhas das colisões heróicas da batalha das Flandres (Outubro de 1914); ainda uma vez Lens, investida pelos ingleses (Abril Agosto de 1917); Vimy, cujas cristas dominam os plainos de Lens e de Douai, escalada pelas fôrças britanicas em Abril de 1917; Loos e Neuve-Chapelle (que foi o centro do Sector português), onde se feriram os singulares combates (Setembro de 1915) em que se assinalou a bravura inglesa, registando-se já os primeiros como dos mais adequados para o estudo da fisionomia e caracteristicas do combate moderno; Roubaix, Tourcoing e Lille, forçados a ceder sem resistencia á furia da invasão germanica, e Cambrai e Bapaume, depois de encarniçada luta (fins de Agosto de 1914), sendo esta ultima recobrada pelos franceses na primavera de 1917, em que se pronunciou o brusco recuo dos alemães; e, em remate, para não alongar esta enumeração trágica, Armentières e La Lys, que deram o seu nome á celebre batalha onde se incrusta o sangrento episodio de La Couture, em que os alemães se despenharam sôbre os nossos soldados sem munições e aferrados ao solo, e de que nós, portugueses, podemos dizer, como Francisco I em Pavia, que se alguma coisa se perdeu, a honra, essa, ficou intacta.

Mas a Flandres francesa, testemunha de tantos heroismos, recebeu a primeira onda germanica já depois de quebrada de encontro ao admiravel e diamantino baluarte que lhe ofereceram os corações belgas. Baluarte de aço que teve na história da humanidade um papel unico: o de sustar uma irrupção de furia ainda não vista, durante o tempo precisamente indispensavel para que, atrás dêsse baluarte, as fôrças da Entente, surpreendidas pelo ataque inopinado, pudessem organizar as primeiras resistencias.

E foi, graças a êste papel de incomparavel abnegação, que a Bélgica, chave, a um tempo, da França e da Gran-Bretanha, tornou possivel essa vitória das fôrças morais, que é a primeira batalha do Marne.

Mercê dêsse sacrificio, o novo Attila encontra ainda nos Campos Catalaunicos a terrivel desilusão que o fez precipitar dos pincaros da sua ambição imensuravel no resvaladoiro da derrota final, implacavel e redentora.

Apesar de dito e repetido tantas vezes, não será ainda descabido suscitar á evocação do leitor êsses dias e essas pugnas extraordinarias que fizeram da Bélgica uma Nação-Cristo, nem registar o preço pelo qual aquele povo ilustre comprou para o mundo civilizado a vitória da causa mais justa pela qual ainda se têm batido os homens.

A 2 de Agosto de 1914 recebia a Bélgica o *ultimatum* alemão, e na noite de 3 para 4 já as tropas germanicas transpunham a fronteira belga.

Começa a epopeia.

De 4 a 20 de Agosto, a defesa de Liège de Namur e do territorio que se estende entre o Mosa e o campo entrincheirado de Antuerpia; de 20 de Agosto a 27 de Setembro, os retornos ofensivos que irradiam de Antuerpia, como centro; de 28 de Setembro a 6 de Outubro, a defesa do campo entrincheirado de Antuerpia; de 7 a 15 de Outubro, a evacuação de Antuerpia e a habil e arriscada retirada sôbre o Iser; e, por fim, de 16 a 31 de Outubro, a batalha do Iser, que cortou ao invasor o caminho que devia levá-lo aos ambicionados objectivos de Dunker-que e Calais, e onde o pequeno exercito belga se cobriu duma glória imarcessivel, ao lado da intrepida 42.ª divisão francesa e dos valentes fuzileiros de marinha do almirante Ronarch.

A pena é impotente para traduzir a imensa tarefa levada a cabo pelos belgas após esta batalha, sôbre o pequeno, árido e ingrato rincão, ultimo farrapo do território, onde a tradicional pericia tecnica do belga acumulou os mais portentosos trabalhos, criando uma insuperavel barreira ao teutão com os olhos fitos em Calais, e desferindo daquele ultimo ninho os seus vôos aventurosos para a Terra de Ninguem e para as linhas alemãs contra as quais investiam nos seus ousados reconhecimentos.

Como em todo o percurso seguido por êste grande povo através da História, ainda uma vez ao entusiasmo do soldado veio aliar-se o fogo sagrado do cidadão, o sereno patriotismo do magistrado e do apóstolo — nas belas personificações de Alberto I, Léman, Max, Lemonnier, Mercier e o malaventurado Dupierreux.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. | Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres — 56, Ludgate Hill

N.º 23 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 4-9-921

INTIBAH
OU
As Aventuras D'Ali Bey
POR
KEMAL BEY

Quando o joven se sentiu á vontade, ela pegou-lhe pela cintura e arrastou-o para a mesinha dos licores. Ela vestia um *negligé* branco e os seus cabelos caiam-lhe até á cintura. Pouco depois, queixando-se do calor, retirou a sua *écharpe* e entremostrou o colo. Em seguida, correu a cortina da janela que dava para o mar, donde se podia ver o interior do quarto, sentando-se ao pé dêle. Enlaçou-o com o braço esquerdo e inclinou a cabeça para o seu ombro. A sua conversa e as suas dissertações sôbre o amor rescendiam encanto. Breve os dois amorosos se abraçaram e beijaram.

Provavelmente por causa da finura da pele dos labios da sensibilidade dos nervos que lá se encontram, o beijo quasi iguala em voluptuosidade os transportes arrebatados do amor. Tendo colhido pela primeira vez na sua vida esse doce fruto, o joven achara-lhe um sabor muito mais exquisito que ele nunca imaginara.

Não podia afastar as mãos do corpo da sua amada nem os seus labios do rosto dela. Mehpeyker correspondia a tais ardores com uma graça nova e emfim, colando os seus labios aos do seu amante, tornou-o pouco menos que louco. Em seguida, ela desprendeu-se gentilmente dos seus braços e, emquanto enchia um calice de licor, examinava-o atentamente, a fim de saber se gostava de bebidas capitosas. Mas nada podendo adivinhar:

—Meu querido, disse ela, fixando-o bem, então não bebe? Não é apreciador? Tanto melhor! Faça por não se habituar e, sobretudo, que eu não o arraste para tal vicio. Se me permite, beberei só este... Não, não é razoavel. O cheiro é desagradavel e receio que por isso se venha a desgostar de mim.

—Até hoje não tenho bebido, respondeu ele, mas tenho estado mais duma vez na companhia de pessoas que saboreiam o *raki* com delicias. O seu sodor não me é inteiramente desagradavel. Por favor, não se prive de tal prazer, aliás zango-me consigo.

Em harmonia com a sua educação e a sua arte de saber viver, não queria contraria-la. Na realidade, estava assás vexado por ver que ela tinha mais um vicio no seu activo. Fosse lá pelo que fosse, o rosto de Mehpeyker tomou, depois de alguns calices; uma côr mais viva, fazendo-se-lhe os olhos muito mais langorosos. Adquiriu assim mais alegria e os mimos, os gracejos, os bons ditos e os beijos sucediam-se em torrente.

A sua voz era tão linda como a sua figura. Ela aligeirou o *tête-a-tête* com canções maliciosas. Ali Bey não tardou em notar a exuberancia da sua amante, logo que ela principiara a beber, por isso veio-lhe mui naturalmente o desejo de provar o *raki*, na esperança de aumentar, se possivel, a felicidade que inebriava. Quem não desejará redobrar os seus prazeres, por muito grandes que sejam? De repente, o joven sente pela bebida uma inclinação de tal modo irresistivel que pretende arrancar o copo das mãos de Mehpeyker. Antes de o fazer, pregunta-lhe se isto não lhe fará mal. Ela responde-lhe que beber em excesso traz doenças.

—Não me importo se estraga a saude, mas sim se causa perturbações intelectuais.

—Já fiz a experiencia mais duma vez, responde a jovem, e notei que este licor tem principalmente a vantagem de pôr a nu o caracter da pessoa que o toma. Aqueles que, no seu estado normal, têm o espirito calmo, niem e são felizes.

Quando uma beleza provocante nos encanta a vista e uma voz igual á do rouxinol nos afaga o ouvido, o coração não sofre reflexões. Assim, Ali Bey cede a pouco e pouco, durante a conversa, á inclinação que o subjuga.

—Faça o favor de me oferecer um calice bem cheio, para que o meu caracter se desvele

(Continua)

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Chegou o outono

Daqui se anuncia sem prévia consulta de calendario, folhinha ou Borda de Agua, que chegou o outono. Morreram já aqueles pregões de fruta, alacres, vitoriosos de côr, drapejantes de alegria ou toados de suavissima tristeza que faziam o nosso encanto, e o vosso, leitores, mal o sol deixava entrever a sua madeixa doirada de luz, pondo no ceu, galante e sensual, duas largas pinceladas de carmim.

O carro de Algés, já vai e volta, sem aquelas bandistas de chapeus fanerogamicos, lençol turco no regaço, Cheri-Bibi sob os olhos, sufucante de emoção, absorvente de atenções que terminava sempre quando Ele *pedia socorro, infelizmente manietado e só. A noite cumprimenta-nos ahi pela volta das sete horas; vitrines são cachoeiras, el-dorados de luz; na Avenida, o outono, anda a despir as arvores que se recobrem de novas folhas — as azas da pardalada.*

E o outono chegou, senhores!... Lisboa em suas sete colinas tem requebros de mulher eansada de volupia. A luz é uma tintura de agua virgem que a veste daquela côr flamenga com que Rubens engrinaldava a oiro o oiro dos cabelos dos seus bambinos. Nos lagos dos jardins, a melodia da agua corrente, extranha e nova e crepuscular, é como um ruido dum triste beijo de Adeus. Já choveu. As rosas sofrem, têm nos calices um luaceiro de dôr; as arvores de braçadas negras, tracejadas a nankim *lembram patibulos onde a morte tivesse decepado uma ultima cabeça; e a minha visinha que todo o dia, á janela, olha o rio barrento com a sua floresta desfolhada de mastros esguios, já não me sorri, já não me fala, toda contemplação e melancolia. A sua alma despede-se desta ruasinha silenciosa onde a erva cresce, recolhe-se mais.*

A morte anda perto a afilar-lhe os dedos que não querem relembrar o gesto lindo de coser, seus olhos são como vitrais de igreja abandonada há muito... No ar perpassa o perfume da saudade. E' a saudade do nosso amor, é a saudade do beijo não dado, é a saudade da que está distante, e que talvez, não se recorde daquele dia em que lhe entregámos intacto, ao seu primeiro sorriso, a nossa vida para sempre, todo o sempre! Chegou o outono! Chegou o outono!

Ha nuvens no ceu, lama nas ruas, muita, mas muita, amargura nas almas.

Esta manhã já o sol era um sorriso, apenas para os tristes...

ARTUR PORTELA

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

Movimento maritimo

Entradas em 3:—Vapor português «Carcavelos», de Vila Real; idem francês «Jura», de Cardiff; hiate inglês «Mawell», da Terra Nova.

Entradas em 4:—Vapor inglês «Duest», do Norte; idem idem «Almanzora».

MADRUGADA BARULHENTA

TIROS, BOMBAS E FOGUETES

O 11.º aniversario do actual regimen

Não há a menor consideração pelos doentes e por quem precisa de descansar após muitas horas de trabalho

Lisboa, ontem, deitou-se tranquila. Nesta terra de boatos, de revoluções a prazo curto e de homens que têm por profissão perturbar a tranquilidade do proximo, poucos são aqueles que lhes dão crédito. Subito, da meia-noite para a uma hora da madrugada, alguns tiros, poucos, quebraram o silencio da cidade adormecida. Houve logo quem levantasse a cabeça do travesseiro. Revolução? Sim, devia ser isso. Para mais que o governo tem garantido em notas oficiosas que reina a maior tranquilidade... As primeiras detonações tinham sido uma coisinha de nada; depois, outras se sucederam, com fragor maior, quebrando o éco e quebrando a cabeça a 600.000 pessoas que, por terem trabalhado todo o dia, consideravam o repouso noturno bem ganho. O alarme estabeleceu-se. Saltou gente para a rua, no receio do telhado ir abaixo e tambem no desejo de gozar um espectaculo que nada já tem de inédito. Nós mesmos, azoinados a cada momento por novas terroristicas de sangueira proxima, vivemos os primeiros minutos da zaragata da madrugada de hoje, na convicção de que de uma nova revolta se tratava. Enfiámos os elasticos nas pernas e tratámos de compôr o colarinho.

As detonações, pequenas, médias e grandes, sucediam-se. Por fim, já não se tratava de ruidos isolados. Era uma coisa confusa, que recordava um bombardeamento. A espaços, ouvido álerta, distinguiam-se detonações esbatidas, como que adelgaçadas por um pau de bater bifes, que vinham dos lados do rio. Era ela. Era a revolução. Descemos, lestos, o quarto andar em que vivemos e fomos espreitar, curiosos, a uma redacção vizinha. Ali, a decifração de tão ruidoso enigma: —Comemorava-se o 11.º aniversario da implantação da Republica, com um simulacro do explodir da revolução...

* * *

Agora, a serio. Acham bem, volvidos tantos anos, que com um estrondo tal se comemore um acontecimento que já dispensa perfeitamente tão barulhentas manifestações? Há cardiacos, enfermos, hospitais cheios de criaturas em busca de um pouco de tranquilidade e saude. Há, acima de tudo, boatos, muitos boatos, de proximos e sangrentos conflitos. Porque deixou o governo que se realizasse este ano tambem e em época tão mexida, a habitual e ruidosa comemoração? De revoluções a valer todos nós estamos fartos. Não nos sobra, pois, paciencia para suportar revoluções a brincar, que constituem um triste simbolo da balburdia mais ou menos sanguinolenta em que tudo isto tem andado...

Por ser ámanhã dia de feriado nacional não se publica "O Diario de Lisboa".

Instituto Superior Tecnico

A questão do edificio do Quelhas

A direcção da «União da Agricultura, Comercio e Industria» oficiou ao sr. ministro da Justiça, renovando o seu pedido de entrega imediata do antigo convento do Quelhas e do terreno do convento das Francesinhas ao Instituto Superior do Comercio, conforme a determinação do decreto n.º 3444-A, de 8 de Outubro de 1917.

COISAS DE JORNALISMO

O CONGRESSO DE BRUXELAS

Vão á Belgica jornalistas portugueses?

Ainda o artigo de José Sarmento—O "Diario de Lisboa" vai arquivar as opiniões de alguns jornalistas

O artigo do nosso antigo e brilhante camarada de jornalismo, e do melhor jornalismo, sr. José Sarmento, foi lido e comentado com interesse no meio jornalistico. O brado do cronista e critico scintilante para que os jornalistas portugueses pensassem na maneira de se fazer representar no Congresso Internacional da Imprensa, que se realiza em Bruxelas, foi geralmente compreendido e bem aceite.

A Imprensa da Manhã transcrevia o artigo e apreciava com a nota da sua adesão as considerações do sr. José Sarmento. Concordamos que não é de facil realisação imediata—e imediata terá de ser —a tarefa de deslocar de Portugal á Belgica dois ou três jornalistas, com os trabalhos e dificuldades da sua escolha, e os pezados encargos que advêm da viagem e estadia na capital do Rei Alberto.

O *Diario de Lisboa* não quere tomar á sua conta este assunto, que tem de ser objecto da ponderação e opinião de todos os jornalistas profissionais, devendo previamente estabelecer-se o consenso de que não é jornalista apenas o que está filiado nesta ou naquela assembleia associativa.

Ouviremos, por nossa parte os jornalistas que estejam pela sua obra, pelo seu nome e pelos seus anos de profissionalismo, indicados a emitir uma opinião sobre o assunto, e publicaremos todos os alvitres e pareceres de qualquer dos jonalistas trabalhadores do jornalismo, quere de Lisboa, quere do Porto.

Realizar-se um Congresso Internacional para jornalistas, e não se sentar na sua bancada um jornalista português, parece-nos vexatorio, afronta feita pelos proprios jornalistas ao seu nome e classe. As emprezas jornalisticas e directores de jornais, cujo bom senso não é ligitimo pôr em duvida, para este caso terão um criterio que seria interessante arquivar, e oxalá que o seu modo de sentir esta questão, que interessa ao prestigio dos nomes das gazetas, traga como consequencia um auxilio definitivo ou uma estreita colaboração, na tarefa que houver de se empreender.

O pão

Os manipuladores vão reunir-se para tratar dos seus salarios

Um grupo de manipuladores de pão resolveu convocar uma assembleia para o proximo domingo, ás 18 horas, a fim de tratar de assuntos de caracter interno e pedir ás associações de classe de manipuladores de pão de todo o paiz que lhes enviem a designação do local das suas sédes e uma nota completa dos salarios que auferem.

COISAS DE NADA

Os comicos

Os nossos actores estão
Duma vaidade impossivel;
Pois se zangam sem razão,
E os mesmos tragicos são
Dum comico irresistivel.

Galãs de três ao vintem,
Vegetes inda sem fama,
E até comparsas tambem,
Pretendem vir no programa
Primeiro de que ninguem.

Um empresario sagaz,
Cheio de muita experiencia
Pretende manter a paz
Pondo o elenco no cartaz
Em forma de circumf'rencia

Mas um actor, com razão,
Exige o seu nome dentro
Do tal circulo em questão,
Porque em certo dramalhão
Fazia o papel de... *centro!*

Um outro empresario aud.
Porque é justiceiro e recto
P'ra ninguem ficar atraz,
Põe os nomes no cartaz
P'la ordem do alfabeto.

A Auzenda ficou mais branda,
E acha a ideia de mão cheia
Mas a Zulmira Miranda
Ficou co' o nariz á banda,
E acha pessima a ideia!

Mas continúa a desordem,
Porque uns pedem convencidos
Os nomes proprios por ordem,
E os outros, p'ra que discordem,
A ordem dos apelidos.

Um empresario genial,
Dando os actores ao diacho,
Quiz pô-los em diagonal;
Mas desistiu, que, afinal,
Ficava o primeiro em baixo!...

Ha melindres excessivos
Sobre o tamanho da letra,
—Que deve ser em tons vivos,—
E requerem adjectivos:
Distinto, ilustre, etc.

A uma actriz, um tanto fraca,
Topei a vêr, num enleio,
Um cartaz onde destaca
Em letras de metro e meio
Seu nome pintado a laca.

A que será que ela pensa
Se chama em arte renome?..
Sei lá! Talvez se convença
Por a letra ser imensa
Que já tem... *um grande nome!*

João Fernandes

A TENTATIVA REVOLUCIONARIA

Os presos politicos vão ser postos em liberdade esta noite?

No governo civil houve hoje pouco movimento

Continuam afirmando-nos que a P. S. E., desde domingo ultimo, não procedeu a qualquer diligencia policial ou captura de qualquer individuo que estivesse implicado no movimento revolucionario, apesar de alguns jornais de hoje noticiarem que aquela policia continua nas suas diligencias.

No entanto, até á hora a que escrevemos ainda não foram interrogados os individuos que se encontram detidos como implicados tambem no mesmo caso.

Constava esta tarde no governo civil que esta noite seriam postos em liberdade todos os individuos que se encontram detidos.

Hoje, durante o dia, houve pouco movimento no governo civil, em consequencia das festas que se realizam para comemoração do aniversario da Republica.

A CIDADE

GENTE QUE NÃO FAZ FALTA

Os carteiristas desapareceram de Lisboa

Uma vantagem do cambio baixo

Leitor, nunca te furtaram a carteira? E' possivel que jámais passasses por êsse dissabor, mas, pelo menos, através a vida, tens visto os teus conhecidos, talvez os teus amigos, vitimas dêle. O caso era vulgar, vulgarissimo, em Lisboa. Todos, ou quase todos os dias, os jornais, em noticias pequenas e em noticias dilatadas, consoante o engenho da manobra, davam conta de roubos de carteiras. Ao precalço tanto estava sujeito um director de Banco, para quem o caso era de somenos importancia, como o cobrador de casa comercial, cujos miolos executavam um *fox-trot* de apoquentações de vivacidade razoavel.

Os *carteiristas*, os gatunos especializados nesse género de roubo, eram quase todos espanhois. Os seus roubos constituiam, de resto, a mais acendrada manifestação de harmonia iberica... O *rápido* de Madrid despejava-os ás dezenas na *gare* central. Daí ao Rossio dos papalvos endinheirados e dos espertalhões sem audacia e sem dinheiro, a distancia era curta — não chegava a duas dezenas de metros. Eles trabalhavam á vontade, porque a policia era e é pouca e a argucia não constitue, positivamente, a sua maior qualidade. Duas, três carteiras, cujo conteudo traduzido em *pesetas* dava para três meses de festins rijos nas *bodegas* madrilenas, era o bastante para que êsses *touristes*, de certo modo incomodos, se considerassem bem compensados dos dissabores de uma viagem de horas nos pouco confortaveis comboios portugueses.

* * *

Roubavam-se carteiras com facilidade identica áquela com que hoje caem os ministerios. Mas a situação modificou-se de forma sensivel. Quem se queixa, actualmente, dos *ratoneros* espanhois? Quantos *carteiristas* a Espanha exportou nos ultimos anos? Um ou dois, depressa apanhados pela nossa policia, a quem valeu, para estendal de bons serviços, a pouca habilidade dêsses aprendizes. Agora, os *carteiristas*-multidão, os *carteiristas*-flagelo, desapareceram da rua do Ouro e do Rossio, abandonando despresativamente o Terreiro do Paço aos imitadores nacionais, que crearam a adaptação ladroeiral entre nós conhecida pela designação de *conto-do-vigario*.

A razão dêste acontecimento apresentou-a hoje ao «Diario de Lisboa» um agente de policia, que, não tendo os bigodes e o bengalão que a classe de há longos anos adoptou como brazão das familias nobres da *Parreirinha*, sabe observar as coisas com uma inteligencia que constitue genero de pouco consumo entre tais funcionarios. Usa o bigode rapado, costuma tambem rapar os boatos e informações com a navalha do bom-senso, e falou-nos assim:

— Os *carteiristas* espanhois deixaram de vir a Lisboa devido a uma só causa, que todas encerra: — o cambio. De que lhes serve vir de Madrid, gastar dinheiro, arriscar-se a uma estadia mais ou menos prolongada nas nossas cadeias, se as duas ou três carteiras que roubem e que representem um total de 500 escudos não chegam a constituir um peculio que lhes garanta vida folgada durante um mês? Um *ratonero* do país vizinho, que conseguisse esvasiar os cofres de qualquer dos nossos argentarios, não se consideraria bem compensado do... *trabalho*, porque as nossas fortunas mil-e-uma-noitescas, traduzidas para espanhol, pouco mais representam que o *pé-de-meia* de qualquer vendedor de capilés da *Puerta del Sol*...

— !

— Sim, meu amigo. Esta é uma das vantagens do cambio baixo, que ainda ninguem descobriu. E, se tiver paciencia para observar estas coisas de baixa policia, verificará que, a alcançar o dinheiro português, por estranha e misteriosa razão, a casa dos 12 ou 14 — os carteiristas reaparecerão em Lisboa, para arrelia das vitimas das suas habilidades e dos agentes policiais encarregados de os descobrir... — S. P.

UMA ENTREVISTA NA CURIA

PEQUITO REBELO, INTEGRALISTA, APRECIA AS DECLARAÇÕES DE AIRES DE ORNELAS

A duqueza de Guimarães, regente do "reino", quere assistir á revolução com que o contam restaurar...

Georges Vallois, a luta de classes e um livro oferecido em Paris

A' Curia, este ano, por entre a aluvião dos seus numerosos aquistas, não faltaram os politicos, uns para recuperarem as fôrças, outros para debelarem o artritismo, e ainda outros para passarem o tempo. A linda estancia termal esteve sempre movimentada, e, senão foi alvo de pomposos reclamos, é certo que teve quem graciosamente lhe fizesse as melhores referencias e quem colhesse das suas aguas o melhor dos beneficios.

Neste começo de outono, a Curia tem ainda uma clientela especial, que vem aqui sossegadamente fazer o seu tratamento e apreciar a amenidade do seu clima temperado e a paisagem deliciosa dos seus jardins, do seu parque, do seu lago, da sua alameda.

Foi á sombra dos seus frondosos platanos que eu encontrei, numa tarde destas, a ler a «Economie Nouvelle», de Georges Valois, o ilustre membro da Junta Central Integralista, o dr. José Pequito Rebelo, e, trocados afectuosos cumprimentos, porque somos velhos conhecidos, apesar da diferença de idade, e até proximos parentes, veiu a talhe de foice preguntar-lhe se tinha lido o «Diario de Lisboa», onde vinha a entrevista com o sr. Aires de Ornelas, jornal que eu, por acaso, levava no bolso.

— Não li. Conheço o sr. Aires de Ornelas, de quem muito me aproximei em Monsanto e cujo espirito de indecisão por vezes tive ensejo de avaliar...

Passei o «Diario de Lisboa» para as mãos do dr. Pequito e preguntei:

— Então, os integralistas pensam ou não em se ligar com os manuelistas?

— Não. Nós somos incompativeis para todos os efeitos com o sr. D. Manuel. Em breve vão ser reunidos em volume todos os documentos que se ligam em as «demarches» que fizemos junto do ex-rei para o convencermos a auxiliar a causa integralista. Pode vir a ser rei da Abissinia, em que fala o sr. Aires de Ornelas, mas rei dos integralistas portugueses, não.

— Na verdade, D. Manuel parece que se encontra sempre fiel ao espirito da constituição que havia jurado...

— Mas á constituição faltou êle, em face da letra da propria Carta, abandonando o paiz numa hora grave e incorrendo, por conseguinte, na perda do trôno... Nada queremos com os seus partidarios, porque não reconhecemos a carta constitucional, de que eles se dizem fieis servidores.

— No entretanto, o sr. Aires de Ornelas refere-se ao grupo da *Acção Tradicionalista Portuguesa*, em que têm abrigo os monarquicos integralistas que reconheçam os direitos do rei á soberania.

— Esse grupo, replica o dr. Pequito, não tem a menor importancia. Creio que é chefiado por um dissidente de todos os partidos, republicano de ontem, depois monarquico constitucional, e agora talvez integralista a seu modo. Nós temos alguns milhares de partidarios com filiação definitiva. Vamos intensificar a nossa propaganda. Quando ela se tornar eficás a valer, com os elementos que temos em todas as classes — e a representação das classes é toda a fôrça do integralismo — iremos até onde fôr preciso...

— A' revolução?

— Talvez, e não fazemos nisso a menor reserva.

— Mas o vosso hipotetico rei é uma criança...

— Não importa; a regente é uma princeza varonil, uma mulher de armas, onde gira o sangue de D. Maria das Neves, a heroina da causa carlista. Ela mesma nos diz que quere vir assistir á revolução. Conto ir fazer o seu conhecimento pessoal na proxima primavera.

E, entusiasmado, o dr. Pequito abria a sua carteira e mostrava-me o retrato de D. Nuno, o juvenil pretendente, que me pareceu um rapazote magro, de rosto comprido e fartas melenas...

— De modo, que na tôrre de marfim em que vocês estão preparando esta mutação de scena o ideal integralista será a regeneração politica e economica deste pobre Portugal...

— De politica sectarista e partidaria não tratamos; a questão economica é que sobreleva a tudo. Aqui estou eu lendo Georges Valois, que conheci este ano em Paris, e que me ofereceu este seu belo e recente livro, onde é exposta brilhantemente a critica da teoria da luta das classes e das doutrinas socialistas marxistas, e onde se apregôa a doutrina nova do trabalho, dos factores de produção e do valor dos salarios...

— E a que conclusão chega Georges Valois?

— A' conclusão de que é preciso ter fé para se vencer uma idéa. «Procurai antes de mais nada o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado em demasia». Aqui tem como termina o livro de Valois.

— Belas fantasias, repliquei, que se ajustam de molde ao seu espirito idealista e sonhador, manifestamente religioso, ou não fosse você, José Pequito, dos talentosos, um dos mais predilectos educandos de Campolide!

ALBANO COUTINHO

EM VOLTA DA ORDEM PUBLICA

As revoluções e a situação dos oficiais

Uma situação insustentavel

Eramos quatro em volta de uma mesa de café e a revolução o assunto em tôrno do qual giraram aquelas duas horas de conversa. Discutiram-se homens, discutiram-se ainda as causas da conjura. Uma a uma, desfiaram-se as razões de desacordo com a actual situação politica, procuraram-se as origens dêsse ambiente revolucionario formado por uma delgada camada de população.

— Havia oficiais, parece que em grande numero... — insinuou um.

— Sim, da gente de galão, alguma estava comprometida no movimento — concordaram.

Contaram-se cinco minutos de silencio. Depois, um dos convivas, um homem de galão, rompeu novamente a conversa, interrogando:

— E não sabem a razão disso?

— Fazer barulho, levados pelo fanatismo politico.

— Enganam-se. Se entre a oficialidade de terra e mar existem descontentamentos tão acentuados, que levaram alguns dos seus membros a aderir a uma qualquer conjura de botequim, é porque a sua situação economica é tão precaria, que quasi justifica todas as revoltas, todas as más vontades.

— O' quê?!

— E' como lhe digo. Busquemos um exemplo: — um capitão da G. N. R., a fôrça por excelencia incumbida da manutenção da ordem, tem mensalmente uma coisa parecida com 350 ou 380 escudos. Quando alcança essa patente, um homem está na plenitude da vida. Tem família constituida. E, ter familia constituida, pressupõe a existencia de dois, três filhos, e a inevitavel criada. Sendo assim, para que lhe chega ordenado tão diminuto, que mal custeia as despesas de um solteirão pouco exigente?

— ...

— Arrastam uma vida miseravel. Muitos conheço eu que, para trazerem a farda limpa, em estado de aparecer, realizam verdadeiros sacrificios. Depois, se desejam dar aos filhos um pedaço de futuro, as dificuldades são quasi irremoviveis. Dar-lhes de comer, vestí-los, calçá-los, pagar-lhes propinas e livros... Um horror. Já se sabe: vem o descontentamento, a má vontade contra uma situação a que atribuem todos os males, não vendo que êles têm raizes mais profundas.

— E a ordem periga.

— Necessariamente. A disciplina não é tão ferrea, que não permita o jôgo dos orgãos cerebrais. O oficial reflecte, analiza a sua situação, calcula as miserias, as dificuldades que atravessam as classes civis e sucede, então, uma coisa que é sempre mal vista pelos que querem militares com a tempera do aço — sentem se povo.

— Mas então, que defende você? Um novo aumento de soldos?

— Não. O aumento de soldo é sempre ilusorio. O Estado, creando uma maior quantidade de riqueza nominal, representada pelas notas de Banco, não consegue crear um correspondente aumento de riqueza efectiva, real. O que se torna preciso é, em vez de revoluções, que constituem adubo magnifico para os alfobres de devoristas, uma conjugação esforços e sinceridades que, realizando um grande plano de conjunto, consiga diminuir de forma sensivel o quinhão consideravel de mal-estar, de miseria mesmo, que, por entre o tumulto, a confusão provocada pela guerra, nos meteram nas mãos.

Contribuição industrial

De harmonia com o determinado nos decretos n.os 3:189, 3:190 e 3:191 de 6 de Junho de 1917, as matrizes da contribuição industrial, juros e sumptuaria só estão patentes desde 2 de Janeiro a 31 de Março do ano seguinte áquele a que respeitar a contribuição.

EM MACAU

A SOBERANIA PORTUGUESA

O conselho de ministros tomou hoje deliberações

O conselho de ministros realizado hoje de manhã, ocupou-se das reclamações aos governos de Pekin e Cantão, sobre o incidente ocorrido em Macau a 16 do mez passado, que o *Diario de Lisboa* pormenorisadamente narrou. Examinou a correspondencia trocada a esse respeito e tomaram-se resoluções relativas á manutenção da soberania portuguesa no porto externo de Macau.

VERANEIOS ELEGANTES

De Vila do Conde

Meu caro Carlos: — A minha ultima carta (que agora foi publicada sem demora) fez aqui um real sucesso.

Desta vez não foram as gralhas que a impuzeram á execração publica, se bem que algumas a tivessem babeijado com o seu suco asqueroso. Foram principalmente as minhas apreciações, que deram no gôto a muita gente.

Ainda hoje, durante o almoço na alegre sala de refeições do Palace-Hotel, tive quasi a convicção de que o meu anonimato estava descoberto, tal era a incidencia dos olhares sobre a minha apagada figura, que, por momentos, se achou deslumbrante ao contacto luminoso dos brilhantes olhos que a admiravam!

Depois, no «hall», quando burguezmente — como qualquer «etcetera» (como diz Antonio Ferro) me entretinha na contemplação das espirais de fumo em que se delicia o puro havano que estava saboreando, ouvi entre duas das mais interessantes senhoras que muito relevo dão á colonia balnear, disputar-se o premio estabelecido para a descoberta do já celebre «Mario de Mont'Alvão».

Achei interessante e sobretudo pitoresco.

Não tem sido menos comica a atitude tomada pelos «meninos» em razão das minhas apreciações; desejando uns sacudir a «agua do capote», pretendendo outros excluir-se da classificação de «Nécas» que a todos atribui e com o maior conhecimento de causa.

Emfim, se chego a ser descoberto, creio que... nem a alma se me poderá depois aproveitar, tal é o sentimento de odio que nasceu contra o rabiscador destas linhas.

Mas emquanto me conservar na plena integridade do meu organismo, vou continuando a gosar com elas e com eles...

Honnit soit qui mal y pense

Ora, já que lhes despertei o apetite, vou servir-lhes um «hors d'œuvre» especial, para mais substancial digestão.

No meu tempo de rapazinho, quando a familia entendeu que me devia lançar para o mundo, encheu-me de conselhos e de indicações, sem as quais eu, forçosamente, teria sossobrado no mar porceloso da sociedade. Todos esses cuidados tendiam a evitar-me algum desaire e a não me sugeitar á critica alheia, sempre pronta a inutilisar aqueles que se abalançam a excessos ou a notoriedades.

Assim aprendi a nunca ir, depois de jantar, a qualquer parte, que não fosse decentemente vestido. Nunca ninguem viu nenhum rapaz do meu tempo entrar, depois do jantar, num casino, de sapatos ou botas que não fossem de polimento preto e muito menos de «calças brancas!»

Isto é um cumulo!

Outrora, quando os rapazes se tinham em mais consideração e achavam que a compostura das suas «toilettes» era um atributo indispensavel á propria dignidade e á consideração alheia, aquele que se lembrasse de se apresentar, á noite, de calças brancas, fosse onde fosse, regressava a casa, rapidamente, em «calças» pardas.

O «á vontade» que a sociedade por vezes nos permite não nos autoriza a excessos ridiculos. E o não sabermos conduzir-nos nas diferentes fazes da vida é o mais ridiculo possivel, além dum sintoma de decadencia.

Haja em vista o que aconteceu ao... (não quero expô-lo mais ao azedume de que foi alvo) quando se permitiu a liberdade, de, numa «toillette» matinal de... pescador, pedir a «alguem» para ser seu par num «fox-trot».

Já que estou em fase de moralidade, ocupo-me hoje somente dos «rapazinhos», pois preciso ainda escalpelizar o assunto com o meu sarcastico bisturi: não me alongarei muito sobre a operação; mas torna-se necessario expurgar uns tumores de maleficio, que estão corroendo a mocidade actual.

Ha modalidades na evolução mundana, que, para bem da humanidade, encontram inconscientes proselitos. Se assim não fosse a sociedade morria de tedio, porque lhe faltava os motivos para desopilar o figado. Uma dessas modalidades a que especialmente me quero referir, é a forma como os rapazinhos hoje dansam. Ainda um dos recem-nascidos «leões do amorosismo», se expunha ao mais cruel ridiculo pela forma como conduzia, dansando um «one-step», a gentilissima menina que escolhera para seu par!

Na frase espiritussa de «madame» V. M., esse rapazinho dava a impressão de estar... empurrando um piano!

Ora com franqueza: é muito desagradavel para um pai ver que a sua filha, anseio dos mais quentes desejos e dos mais carinhosos cuidados—se transforma, dum momento para outro, em objecto de mudança! Não, rapazes de Vila do Conde!—todos vós sois muito gentis, amabilissimos até o sacrificio, prestimosos até o servilismo; a vossa simpatia é grande, a vossa delicadeza não é menor; mas faltavos aquela linha mascula, inconfundivel do sexo forte, que era apanagio da mocidade quando ela aliava á rudeza da sua vida de estroinice, a maneira da fina diplomacia com que se apresentava em sociedade.

Modifiquem-se, pois, que ainda estão a tempo de o fazer—e verão como são apreciados, como são estimados e até apetecidos.

Hoje, com as vossas conversas banais, em que cada frase—todas elas, de resto, sem interesse—é ajudada por um gesto sem possivel comparação, são aborrecidos e só conseguem despertar... a vontade de dormir.

... E por já conter essa vontade (ou não falasse eu de vós), vou-me deitar.

Adeus. Boas-noites e não sonhem com o

Mario de Mont'Alvão

Figueira da Foz, 28

Ante-ontem e ontem realizou-se no Tennis Club, como havia anunciado, a «Gymkana» infantil, promovida pela direcção do mesmo club e organizada pelos srs. dr. Cesar de Melo, conde de Felgueiras, Hugo Navarro de Andrade Belmarço, Luís da Costa Novais e visconde de Montargil, e da qual faziam parte, da comissão de honra, as sr.as D. Amalia Rincon de Vasconcelos, D. Ana Maria de Sousa Carrisso, condessa de Felgueiras, condessa de Pinhel (D. Dolores), D. Judite Mendes de Novais, D. Judite Pereira Caldas Correia de Lacerda, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e viscondessa de Montargil.

Faziam parte do juri os srs. conde de Felgueiras, Hugo Navarro de Andrade e visconde de Montargil. Cronometrista o sr. Pedro Fernandes Tomás. Fiscais de pista os srs. dr. Antonio de Azevedo e dr. Luís Carrisso. Juiz de partida o sr. dr. Cesar de Melo e juiz de chegada o sr. Luís da Costa Novais.

As provas decorreram sempre debaixo da maior alegria e despertaram grande entusiasmsno na selecta assistencia que enchia por completo o vasto recinto do esplendido «ring» da patinagem, onde teve logar a «Gymkana», que deu o seguinte resultado:

«Patinagem»: rapazes, 1.ª categoria (até 8 anos), premio unico, «Um cruzador», Elisio Mendes de Melo (Montargil); 2.ª categoria (9 a 10 anos), premio unico, «Um relogio», José Serrão de Faria; meninas, 2.ª categoria (9 a 10 anos), 1.º, «Brincos de perolas e rubis», Helena Palha Wanzeller; 2.º, «Medalha de esmalte azul», Helena Jerosch; 3.ª categoria, rapazes (11 a 12 anos), 1.º «Alfinete de gravata em ouro e esmalte», João Rosado; 2.º, «Uma lapiseira de prata», Antonio Colomo Crepo; 3.ª categoria, meninas (11 a 12 anos), «Cordão e medalha de ouro e esmalte», Maria Julia Mavigne Sousa Vaz; 4.ª categoria, rapazes (13 a 15 anos), premio unico, «Um alfinete de gravata com brilhante», Antonio Carrisso.

«Gatas para a frente», (rapazes)—1.ª categoria (até 6 anos)—1.º, bengala com castão de osso, Alberto Eloy Borges Cardoso; 2.º, uma carroça e burro, Antonio Luis Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca). 2.ª categoria (7 e 8 anos)—1.º, comboio e rails, Antonio Calheiros Azevedo; 2.º, Um cavalo, Elizio Mendes de Melo (Montargil); 3.º, Uma locomotiva, Leocadio Faria Pereira; 4.º, um regador, Antonio de Tovar de Assis Mascarenhas e Meneses (Felgueiras), 3.ª categoria (9 e 10 anos—1.º, um harmonium, Ricardo Colomo Crespo; 2.º, uma traineira, Rafael Peres; 3.º, uma caixa com papel, José Serrão de Faria Pereira. 4.ª categoria (11 e 12 anos)—1.º, um ollhar, Fernando Mendes Novais; 2.º, uma jarra, Fernando Terenas Latino.

«Ovo e colher» (meninas)—1.ª categoria (até 6 anos)—1.º, uma bodeca, Maria Calheiros Azevedo; 2.º, uma canastra pequena de prata, Celeste Maria de Melo Mendes. 1.ª categoria, (7 e 8 anos)—1.º, uma canastra grande de prata, Dolores Merino; 2.º, um fogão de folha, Maria Ueresa Terenas Latino. 2.ª categoria (9 e 10 anos)—1.º, uma bolsa de prata, Helena Palha Vanzeler; 2.º, Duas canastras de prata, Isabel Merino; 3.º, uma medalha de Nossa Senhora, Heloisa Maria Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca); 4.º, Um balde, Isabel Maria Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca); 5.º, Arquinhos, Maria Luiza Rosado Sacadura. 3.ª categoria (11 e 12 anos)—1.º, uma joanhinha em ouro, Maria Liberata Rosado Sacadura; 2.º, bastidor, Maria Figueiredo Cabral.

«Sacos» (rapazes)—1.ª categoria (até 8 anos):—1.º, Um relogio, Elizio Mendes de Melo (Montargil); 2.º, Um cruzador, Nicolau Peres; 3.º, Cavalo preto, Antonio Tovar de Assis Teixeira (Felgueiras); 4.º, Cavalo branco, Leocadio de Faria Pereira; 5.º, Palhaço, João Pedro Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca); 6.º, Comboio pequeno, Duarte Manuel Ferreira Lima. 2.ª categoria (9 e 10 anos):—1.º, Cavalo branco grande, Ricardo Colomo Crespo; 2.º, Uma caixa de chocolate, Rafael Peres; 2.º, Um cão, Pedro Manuel Ferreira Lima. 3.ª categoria (11 e 12 anos):—1.º, Uma carteira, Manuel de Melo Correia; 2.º, Uma mala, Antonio Colomo Crespo; 3.º, Um loto, Francisco Salema.

«Pé coxinho» (rapazes)—1.ª categoria (até 6 anos):—1.º, Uma carroça grande, Alberto Eloi Borges Cardoso; 2.º, Um comboio, Antonio Luiz Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca). 2.ª categoria (7 e 8 anos):—1.º, Uma carroça grande, Leocadio de Faria Pereira; 2.º, Um porco claro, Antonio Aguas Cruz; 3.º, Um tambor pequeno, Antonio Tovar Assis Teixeira (Felgueiras); 4.º, Uma carroça com burro, Duarte Manuel Ferreira Lima; 5.º, Um burro pardo, Antonio de Calheiros Azevedo. 3.ª categoria (9 e 10 anos):—1.º, Uma bengala, Rafael Peres; 2.º, Um electrico, José Serrão de Faria Pereira; 3.º, Um porco preto, Pedro Manuel Ferreira Lima. 4.ª categoria (11 e 12 anos):—1.º, Um tambor grande, Fernando Albergaria Pinheiro; 2.º, Apetrechos de escritorio, Fernando Terenas Latino.

«Barris» (Meninas)—1.ª categoria (até 6 anos):—1.º, Um fogão a alcool, Maria Leonor Salema; 2.º, Arquinhos e corda, Maria de Calheiros Azevede; 3.º, Cabrinhas e pastora, Maria Augusta de Alpoim. 1.ª categoria (8 e 8 anos):—1.º, Medalha com andorinha, Maria Tereza Terenas Latino; 2.º, Uma pulseira de Judite da Costa Novais; 3.º, Um pião, Maria Eduarda Sarmento. 2.ª categoria (9 anos):—Premio unico, Uma pulseira de ouro, Ana Ahrens Novais. 2.ª categoria, (10 anos):—1.º, Um leque, Maria Manuela Terenas Latino; 2.º, Uma medalha com riseta de pedras, Maria Aguas Cruz. 3.ª categoria (11 e 12 anos):—Premio unico, Um rosario, Maria Liberata Rosado Sacadura Bote.

«Gatas para traz» (rapazes)—1.ª categoria (até 8 anos):—1.º, Uma bola grande, Elisio Mendes de Melo (Montargil); 2.º, Um electrico, Leocadio Faria Pereira; 3.º, Uma bola pequena, Antonio Calheiros Azevedo; 4.º, Serradores, Manuel de Magalhães; 5.º, Tambor pequeno, João Calheiros Azevedo. 2.º categoria (9 e 10 anos):—1.º, Um relogio, Rafael Peres; 2.º, Bola pequena, Pedro Manuel Ferreira Lima. 3.ª categoria (11 e 12 anos):—1.º, Uma bolsa de prata, Fernando Terenas Latino; 2.º, Um canivete, Antonio Colomo Crespo.

«Luta de tracção» (rapazes) (8 a 13 anos):—1.º, Medalhas, Equipe formada por: 1.º, José Souto de Almeida Rainha; 2.º, Vasco Salema; 3.º, José Rosado; 4.º, Rodolfo Reis; 5.º, Ricardo Colomo Crespo; 6.º, Antonio Colomo Créspo; 7.º, João Calheiros de Azevedo; 8.º, Antonio Tovar de Assis Teixeira (Felgueiras); 9.º, Leocadio de Faria Pereira, e 10.º, Nicolau Peres. 2.º, Chocolates, Equipe por: 1.º, Antonio Carrisso; 2.º, João Terenas Latino; 3.º, Antonio Cunhal; 4.º, Fernando Pinheiro; 5.º, Fernando Terenas Latino; 6.º, Elisio Mendes de Melo (Montargil); 7.º, Rafael Peres; 8.º, Adriano Jordão; 9.º, Duarte Ferreira, e 10.º, João Pedro Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca).

Premios sorteados—Um burro, D. Maria Augusta Pereira d'Eça Agorreta Alpoim; outro burro, Vasco Mavigné Sousa Vaz; uma boneca, D. Maria Eliza Salazar Antunes; um submarino, Antonio Calheiros de Azevedo; outro submarino, Antonio de Almeida Vasconcelos Cabral.

A distribuição dos premios foi feita respectivamente a cada prova pelas senhoras da comissão.

Finda a distribuição teve lugar o chá, oferecido pelas senhoras da comissão, tendo cada uma a sua mesa ornamentada com côres diferentes, findo o chá deu-se começo ao baile infantil, que decorreu animadissimo, dando a alegria das crianças uma nota verdadeiramente encantadora á festa, que estamos certos ficará para sempre gravada a letras de ouro nos anais do Tennis Club.

Na assistencia via-se tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade actualmente aqui veraneando.

Hoje realiza-se pelas 4 horas da tarde, no Coliseu Figueirense, uma garraiada á porta fechada e por convites, organizada por um grupo de rapazes, a qual será presidida por um grupo de senhoras,

A'manhã, um magnifico baile com ceia americana, organizado por uma comissão de senhoras, formada pelas seguintes: D. Alice da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Judith Pereira Caldas Correia de Lacerda Barjona, D. Maria José de Barros Belmarço e D. Maria Natalia Couceiro de Magalhães e Menezes (Felgueiras).

D. Nuno

BANCO PORTUGUÊS E BRASILEIRO
FUNDADO EM 1891
SÉDE: RUA AUGUSTA, 34 — LISBOA
FILIAL: PRAÇA ALMEIDA GARRETT — PORTO
Capital Esc. 10.000:000$00
Fundo de Reserva Esc. 9.000:000$00
AGENTES EM TODO O PAÍS
Correspondentes em todas as principais Praças do Estrangeiro
Cheques sobre o país e estrangeiro, ordens telegráficas, descontos e transferencias, compra e venda de titulos nacionais e estrangeiros, cartas de crédito
OPERAÇÕES BANCARIAS EM TODOS OS GENEROS

Sal de mesa Vatel
O mais fino, o mais branco e o mais barato
Em pacotes, frascos, latas e saleiros
Companhia dos Productos Vatel
Fabricas em Alhandra --- Escritorio: Rua de Garrett, 36 --- Telef. C. 2580

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

Collares Burgacas
VINHOS DE TIPO INALTERAVEL
SUCURSAL EM LISBOA COLLARES-ALMOCAGE&C.ª
RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132 PORTUGAL
TELEFONE C. 943

Escola Academica
A mais antiga e frequentada escola particular do país
Calçada do Duque, 20
LISBOA
Telefone 619 Teleg. ACADEMICA
Classes infantis regidas por mestras portuguesas e estrangeiras, admissão aos liceus e curso dos liceus. CURSO COMERCIAL em 4 anos, modelarmente organizado e de brilhantes e comprovados resultados praticos. Recebe alunos internos, semi-internos e externos, ministrando-lhes, a par dos maiores confortos, solida instrução literaria e esmerada edução intelectual, moral, civica e fisica.
495 aprovações no ultimo ano lectivo
Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas com todas as condições de matricula.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUBI

ELECTRICIDADE--MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

"AU PAIR"
Dão-se lições de francês, português e do curso dos liceus. Propostas a C. Marques. Redacção do "Diario de Lisboa".

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

NO ESTRANGEIRO

FALAM OS NUMEROS

A PRODUÇÃO DE CARVÃO NOS ESTADOS UNIDOS

De Janeiro a 20 de Agosto produziram 249.300:000 toneladas e em igual periodo do ano passado 231.800:000

NEW YORK, 4.

A produção de carvão nos Estados Unidos subiu a 249.300.000 toneladas durante o periodo de 1 de janeiro de 1921 a 20 de agosto. As cifras do periodo correspondente do ano passado foram de 231.800.000 toneladas. Segundo opiniões autorizadas, a produção de todo o ano não passará de 400.000.000 de toneladas, sendo, portanto, o pior ano conhecido desde 1914, em que sómente se extrairam 422.713.970 toneladas. Dada a pouca actividade actual nos negocios, a quantidade indicada será suficiente para cobrir as necessidades internas; porêm, se se produzir uma reacção industrial, os Estados Unidos poderiam sofrer uma ligeira crise de combustivel, porque já existem numerosas minas fechadas e não poderiam recomeçar a extracção num prazo certo. Pelo contrário, a produção de antracite manteve-se sensivelmente no mesmo nivel.

Carvão

Desde 1 de Janeiro a 20 de Agosto

1921	1920
249.293.000	231.646.000

Antracite

1921	1920
55.593.000	55.845.000

O seguinte quadro compara a produção durante estes ultimos anos (em toneladas):

Anos	*Carvão*	*Antracite*
1921	—	69.366.731
1920	556.563.000	69.815.034
1919	458.063.000	71.667.757
1918	579.386.000	77.722.315
1917	551.790.000	67.776.589
1916	502.519.163	69.835.029

Ha que ter em conta que para o carvão o ano termina em 31 de Dezembro ao passo que para a antracite termina em 30 de Março.

DE PARIS

A prisão do italiano Pianezza

PARIS, 4.

O partido comunista do Luxemburgo protestou veementemente contra a prisão em Treves do italiano Pianezza que está detido numa fortaleza militar, devendo ser presente a um conselho de guerra por propaganda de ideas subversivas. — (U. P.).

A estrada de Genova a Chamounix

PARIS 4.

A estrada departamental de Genova a Chamounix foi obstruida em toda a sua largura, numa extensão de cincoenta metros por muitos milhares de metros cubicos de rochedos que escorregaram sobre a mesma estrada. — (R.).

DIA 7 OUTUBRO
TEATRO APOLO
Empreza Augusto Gomes
Telefone, C 2129
6.ª feira
estreia da revista em 2 actos e 10 quadros
de Eduardo Schwalbach
Musica de Alves Coelho e Tomaz del-Negro
Gato por lebre
Bilhetes á venda para as três primeiras recitas

POR TERRAS DE FRANÇA

A CULTURA DO TRIGO

A produção de trigo deste ano deveria fazer baixar o preço do pão 90 centimos, mas essa descida não se verifica

A França tem este ano uma colheita de trigo excepcionalmente abundante. A média é de 16,40 quintais por hectare, quantidade que nunca havia sido atingida. Mas não foi apenas o solo que se mostrou fertil; os agricultores escutaram os que lhes pediam que se dedicassem á cultura do trigo, pois quando houvesse pão com fartura e barato todos os generos lhe sofreriam a concorrencia e o preço da vida baixaria.

A cultura do trigo predominou; os meios de cultura foram naturalmente bastante aperfeiçoados e a França teve êste ano a colheita magnifica de 87 milhões de quintais de trigo, ou sejam 8.700.000 toneladas.

E', porêm, de notar que o preço do pão não se ressente apreciavelmente da abundancia da colheita. Victor Boret, que foi ministro da Agricultura, mas que além disso está em esplendidas relações com os agricultores e conhece bem grande numero de moleiros e de padeiros, deu sobre êste assunto alguns esclarecimentos que consideramos interessantes, não apenas em si, mas porque, numa terra como a nossa, em que uma das principais dificuldades do governo é a falta de pão, que se transmite de ano para ano, tudo que lá fora se passa sobre êste assunto merece ser conhecido e considerado.

A França fez uma propaganda energica e habil a favor da cultura cerealifera. Os resultados dessa propaganda podem apreciar-se pelo valor da colheita.

Quais são, porêm, os motivos que determinam a persistencia do preço alto do pão? Foi sobre êles que falou Victor Boret.

A industria da fabricação do pão é explorada por uma infinidade de padeiros; do seu grande numero provêm que nenhum tem suficientes fregueses; para obterem um proveito suficiente, são obrigados a venderem o pão muito mais caro.

Além dêste motivo há outro, não menos forte: êsses padeiros, porque principiaram com um capital apenas suficiente e porque nunca auferiram grandes lucros, fabricam o pão segundo os antigos processos rotineiros, que nem são de uma higiene irrepreensivel, nem produzem com a perfeição, rapidez e economia que se poderiam obter com os processos modernos.

Imagine-se uma grande fabrica, montada com todos os preceitos higienicos, trabalhando por meio de electricidade, dotada com os aparelhos mais aperfeiçoados, em logar das casas escuras em que os proprios vendedores e proprietarios amassam o pão. Victor Boret dá êstes numeros impressionantes: Uma grande fábrica, que substituisse 200 padeiros duma cidade, faria uma economia de 75 por cento no combustivel e na mão de obra, de 50 por cento na despesa com as casas e de 10 por cento na amortização dos capitais.

Quanto aos moinhos, seria necessario modernizá-los e pô-los proximos das cidades e nos pontos de descarga, para evitar os transportes, que muito dinheiro custam.

A produção do trigo deste ano deveria fazer baixar o preço do pão para 90 centimos; essa descida de preço não se verifica e os aldeãos dão aos animais o trigo que semearam para os homens, porque se dá ainda o fenomeno extravagante de se vender a aveia, a cevada e outros cereais inferiores ao trigo por um preço que não compensa a troca do trigo por êstes cereais inferiores.

Victor Boret teme, se não forem tomadas providencias a fim de que o agricultor veja o resultado do seu esforço, que se dê uma reacção funesta no sentido de os cereais deixarem de ser cultivados.

A LUTA EM MARROCOS

Os espanhois tomaram as posições de Sebt

A batalha trava-se numa extensão de 10 quilometros

MELILLA, 4.

Três colunas comandadas pelos generais Sanjurjo, Cabane e Berenguer entraram em combate com os mouros que estavam concentrados em grande numero e repeliram-nos, tomando as posições de Sebt e todas as posições que dominam os vales de Sangangan e Cortoseles. O inimigo deixou o campo juncado de cadaveres. Foram dadas brilhantes cargas de cavalaria, tendo todas as armas cooperado na acção com extraordinario brilhantismo. A batalha estendeu-se numa frente de dez quilometros. As posições conquistadas são excelente ponto de partida para novos avanços. — (R.).

Um aparelho que lança bombas entra em acção

MELILLA, 4.

Chegou um aparelho Havilland, que entrou já em acção, tendo lançado muitas bombas no campo inimigo. As nossas batarias bombardearam o barranco do Lobo e arredores. Várias fôrças sairam em reconhecimento da posição de Tizza. Diz-se que a harka recua para Jevanen. Os mouros mostram-se surpreendidos com a actividade dos espanhois. — (R.).

10 mil baixas?

MADRID, 4. — O ministro do interior disse que calculava que o inimigo teve no ultimo combate mais de dez mil baixas.—(R.)

DE LONDRES

OS RENDIMENTOS DO ESTADO

LONDRES, 4.

Os creditos da Inglaterra durante o trimestre que finalisou em 30 de Setembro mostra uma diminuição de 52.318.271 libras esterlinas em relação ao mesmo periodo de 1920. O imposto sobre os lucros excepcionais teve uma diminuição de 43.082.000 libras esterlinas em relação ao mesmo periodo de 1920. O imposto sobre os lucros excepcionais teve uma diminuição de 43.082.000 libras. Para o semestre finalisado em 163.136.338 libras. —(U. P.).

Sociedade das Nações

Se não fosse o discurso do sr. Noblemaire não se justificava a existencia da actual sessão

PARIS, 4.

Lord Robert Cecil declarou que a actual sessão da Sociedade da Liga das Nações se não tivesse produzido mais do que o discurso do sr. Noblemaire, teria justificado a sua existencia. Os delegados ingleses disseram que a politica ingleza desejando a paz e o entendimento entre todas as nações, estava de acordo com os pontos de vista da Sociedade das nações, apesar da diplomacia inglesa e francesa terem discordado nalgums questões de politica actual, o entendimento entre as duas nações era absoluto nos pontos essenciais que devem conduzir o mundo a um futuro de paz e concordia.—(R.).

AS SANÇÕES DO RENO

UM TRIUNFO PARA A POLITICA DO DR. WIRTH

"A minha politica é a unica que nos permitirá chegar a um acordo efectivo e vantajoso com todos os aliados"

Foram levantadas as sanções economicas, que haviam sido impostas em Março ao mesmo tempo que as ocupações militares de Dusiburg, Ruhrort e de Dusseldorf. O governo alemão acabou por submeter-se ás condições impostas pelos aliados para levantarem as sanções.

Essas condições eram: a entrega até 31 de Agosto do primeiro bilião de marcos ouro e a constituição dum organismo em que tomassem parte elementos franceses, para fiscalisar a entrega de licenças de importação e exportação de mercadorias pela fronteira franco-alemã, a fim de garantir aos produtos aliados um tratamento de igualdade com os de outras proveniencias. Temia-se, e com razão, que na concessão de licenças houvesse discriminações prejudiciais aos aliados.

O governo alemão demorou até agora a aceitação destas condições, esperando que surgisse entre os governos francez e inglez alguma dissenção que o favorecesse. Argumentava que exigir uma fiscalisação preventiva era atentorio á soberania do Reich e por isso apenas aceitava uma fiscalisação posterior á entrega de licenças, que evidentemente não teria a força da primeira.

Por fim o governo alemão submeteu-se.

Pode dizer-se que esta é uma das grandes vitorias do governo de Wirth e ela estava sendo necessaria; até agora, apenas havia por parte dos aliados, uma boa vontade, que nunca se havia manifestado num grande acto concreto. Só as relações, o tratamento de parte a parte, haviam perdido a acrimonia e o odio.

Agora o governo de Wirth poderá objectar aos que o atacam: á minha politica é a unica que nos permitirá chegar a um acordo efectivo e vantajoso com os aliados.

Bastar-lhe-há comparar os resultados da sua politica com as decepções da sistematica resistencia e suplicas fingidas dos que o precederam no poder.

DA RUSSIA

A crise de trabalho

Criando um ambiente para a revolução?

LONDRES, 4.

Informações de origem Scandinava dizem que o governo dos «soviets» organisou um plano detalhado para explorar a crise do trabalho, que existe actualmente em toda a parte, para fins revolucionarios. Os agentes secretos trabalham em todos os paises para fazer com que os desempregados exijam das municipalidades e dos governos subvenções cada vez maiores, que agravando o estado financeiro, criem um ambiente favoravel á revolução.—(U. P.).

TEATRO AVENIDA
Empreza e Companhia
SATANELLA AMARANTE
Linda musica
Espirituoso entrecho!
FLORES DA NOITE
A's 9 1/4 da noite
Telefone 1091

OS TEATROS

Atraz do reposteiro

Parece não ter visos de verdade a noticia, que veiu a publico, de que o Cinema Condes iria ser novamente transformado em teatro.

No emtanto, o boato que se refere a um outro cinema, fechado ha tempos e que se pensa em abrir como teatro, dizem-nos que é verdadeiro. Trata-se, como tem sido facil adivinhar, do antigo Salão Fantastico.

—A peça «D. Afonso VI», de D. João da Camara, com que inaugura a epoca o teatro Nacional, é ensaiada pelo actor José Ricardo, que desempenha na mesma peça o papel de «Braz dos cães».

—Está concluindo uma peça, que destina a um dos nossos teatros, a medica Amelia Cardia.

—A peça inglesa «Mister Woo» será representada, no Politeama, com o titulo «Vingança oriental». O personagem principal será interpretado pelo actor Ribeiro Lopes.

—O actor Aurelio Ribeiro passou do teatro Apolo para o Eden.

—E' positivo que a coupletista espanhola Carmen Vicente, que tanto sucesso fez em Lisboa a epoca passada, ainda este ano virá a Portugal, trabalhar na empresa Macedo.

—Passou a fazer parte da companhia do Politeama o actor José Calazans.

—Não é verdadeira a noticia, vinda a publico nalguns jornais, sobre a compra dos direitos das revistas «Tic-tac», «Trolaró» e «Pé de dança».

—A cota que o sr. Fernando de Vasconcelos possuia no Eden foi vendida, por 90.000$00 esc., aos empresarios portuenses Antonio de Castro e Rocha Brito.

—O actor João Silva, de acordo com a futura empresa do Eden, desligou-se desta empresa e vai ingressar na companhia do teatro Avenida.

—O poeta Silva Tavares leu hoje, pela 16 horas, a alguns actores, jornalistas e escritores, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a sua peça «Vasco da Gama».

Reclames

S. CARLOS—A acção da peça «Jerusalem», em ensaios neste teatro, para apresentação da companhia Robles Monteiro-Amelia Rey Colaço, passa-se em Jerusalem.

S. LUIZ—Toda a Lisboa corre a ouvir «A Leiteira de Entre-Arroios», a opereta mais querida do publico, que poucas mais recitas contará.

EDEN—Todas as familias que regressam agora das termas e idas praias correm logo a este teatro, despertadas pelo sucesso da revista «Tic-Tac».

APOLO—Estão concluidos os scenarios e o guarda-roupa da revista «Gato por lebre», de Schwalbach, que se estreia na sexta-feira.

AVENIDA—Mais uma casa á cunha teve ontem este teatro com a linda opereta «Flôres da Noite».

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«A leiteira de Entre-Arroios».
GIMNASIO—Fechado.
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
APOLO—Fechado.
POLITEAMA—Fechado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
COLISEU DOS RECREIOS—Não ha espectaculo.

SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
CHIADO TERRASSE—Fechado.

A CONFERENCIA DE WASHINGTON

O problema do Pacifico

MELBOURNE, 4.

O sr. Hughes primeiro ministro da Australia pronunciou um discurso nesta cidade, dizendo que não entrevê possibilidade de se conseguir o desarmamento emquanto os problemas do Pacifico, não forem resolvidos. Quaisquer que sejam comtudo as decisões na conferencia de Washington, a Australia necessitará ter a sua segurança garantida por uma defeza naval suficiente.—(U. P.).

A venda de bebidas alcoolicas na Noruega

CRISTIANIA, 4.

O sr. Martens editor do *Morgenblad* falando num comicio politico disse que podia citar o nome de dez membros do Storting que votaram a favor da proibição da venda de liquidos alcoolicos na Noruega e que se embriagam constantemente. O presidente do «comité» do Storting resolveu que esta acusação fosse submetida á Camara, fazendo-se um processo judicial contra o sr. Martens.—(U. P.).

AVISO "5 DE OUTUBRO"

S. JULIÃO, 4

Entrou o aviso português «Cinco de Outubro».

COMEMORAÇÃO DO 5 DE OUTUBRO

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA PASSA REVISTA ÁS TROPAS

A parada militar na Avenida da Republica e a condecoração dos combatentes da guerra

Logo de manhã, a cidade encheu-se de movimento, do desfile das tropas, das bandas de musica, dos automoveis que não têm numero, dos curiosos que afluiam á Avenida da Republica—gente do povo, gente humilde, a gente que assiste a todas as comemorações e a todas as solenidades. Edificios publicos embandeirados, casas particulares embandeiradas, bandeiras por toda a cidade.

A parada devia começar ás 13 horas, mas começou muito mais tarde. A' hora marcada, começaram subindo a Avenida da Liberdade as tropas que tomaram parte na parada, que se foram alinhando desde Campolide até ao Campo Grande, onde se postou uma bataria de artilharia. Na praça Duque de Saldanha foi armada uma tribuna para receber o sr. Presidente da Republica, o governo, as autoridades civis e militares e os altos funcionarios da Republica. A' direita, a tribuna do corpo diplomatico. Há ainda duas tribunas para convidados, onde se vêem muitas senhoras.

A's 14 horas começam chegando os membros do governo, corpo diplomatico, presidente da Camara dos Deputados, general Abel Hipolito, governador civil de Lisboa, funcionarios superiores de varios ministerios e muitos convidados. Junto da tribuna, a guarda de honra é feita por uma força de aspirantes de marinha.

A tropa alinha-se ao longo da Avenida da Republica, vendo-se as janelas cheias de gente e a multidão contida por um cordão de policia que se estende em torno da praça Duque de Saldanha.

A's 14 e 30, ouve-se o toque de continencia; as bandas militares tocam o hino nacional e a tropa apresenta armas. A artilharia dispara as salvas do estilo. O sr. Presidente da Republica vem acompanhado pelo chefe do governo, ministro da Guerra e ministro da Marinha. A carruagem presidencial dirige-se pela Avenida da Republica, onde o Chefe do Estado passa revista ás tropas.

Depois da revista, o sr. dr. Antonio José de Almeida, o governo e as autoridades tomam logar na tribuna do centro. Em frente do pavilhão, alinham-se as bandeiras dos varios regimentos, da marinha e da guarda republicana.

Em seguida, realisa-se a cerimonia da aposição das insignias da Torre e Espada e Cruz Militar aos combatentes da grande guerra, entre os quais se conta o general sr. Sinel de Cordes, quatro majores, três tenentes, dois alferes, dois sargentos da guarda, dois primeiros marinheiros e um soldado de infantaria. O chefe do Estado vai pregando as medalhas ao peito dos combatentes; o sr. ministro da Guerra coloca os colares da Torre e Espada. Finda a condecoração, a que assiste tambem o chefe do governo, começa o desfile das tropas em frente da tribuna presidencial, que termina pelas 16 horas, recolhendo as tropas aos quarteis.

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

A administração do «Diario de Lisboa» encontra-se já instalada na rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria do nosso jornal, onde brevemente serão tambem instalados todos os serviços de redacção, logo que estejam concluidas as obras a que se está procedendo no predio.

Bolsa de Lisboa

Dia 4

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	43.70
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	—
4 0/0 1888	—
4 0/0 1890 coup	—
4 1/2 1888|89 ass	—
4 1/2 1889 coup	—
5 0/0 1909 coup	180.
4 1/2 1912 ouro	66.
5 0/0 1917	173.50
3 0/0 externas 1.ª série	—
3 0/0 » 2.ª »	173.
3 0/0 » 3.ª »	—
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	140.
(cop.)	—
» Comercial de Lisboa	260.50
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » (coup.)	237.10
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	—
C. G. de Credito P. Português	36.80
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	140.50
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	260.70
Portugal e Colonial	116.40
Cabinda	8.30
Buzi	48.30
Ilha do Principe	216.50
Moçambique	—
Zambezia (antiga	—
» (nova	—
Companhia do Boror	80.50
Obrigações	
Atravez d'Africa	108.20
Benguela, titulo 1	167.
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—
Industrial Aliança	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	38$	43$
s|Londres cheque	6 3/8	6 1/4
» 90 d. v.	6 1/2	—
Rio s|Londres	8 1/4	—
s| Paris	713	727
s| Italia	399	407
s| Belgica	704	718
s| Suissa	1754	1788
s| Espanha	1315	1371
s| Berlim	80	85
s| Holanda	3239	3303
s| Nova York	10090	10290
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» » » » Portugal	7 1/2	—
Agio do ouro	700	800

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	2,862
» s|Londres	—
» s|New-York	—
» s|Berlim	6,15
Paris s|Londres	52,80
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	52,37
» s|Roma	94,
» s|New-York	373,
» s|Berlim	472,
» Amsterdam	11,63
» s|Genebra	21,55
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

DO BRASIL

O pagamento dos "coupons" dos empres timos internos e externo

RIO DE JANEIRO, 3

A prefeitura iniciou já o pagamento dos «coupons» dos emprestimos internos de 3:000 contos, de 1916, e de 26:000 contos, de 1917.

A prefeitura remeteu tambem para Londres 400 contos para pagamento do «coupon» do emprestimo externo de 4 milhões de libras esterlinas.

A prefeitura vai emitir um novo emprestimo de 5:000 contos.—(A.)

Cotações

RIO DE JANEIRO, 3

Cotação do café, 18$100; cambio s|Londres, 8 11|32 e 8 7|16; valor do escudo portuguez, 834, 950 réis.—(A.)